Humberto de Campos e o Ceará

Vinicius Barros Leal

Humberto de Campos teve um especial desvelo por nosso Estado. Nota-se isto ao se examinar sua correspondência ativa com os amigos que aqui deixou, depois de uma estada de quase dois anos. Aliás, essa fase da vida do cronista maranhense é pouco conhecida, e em sua vasta obra literária poucas vezes referiu-se ele às particularidades da longa permanência entre nós.

Mesmo nos três volumes de suas "Memórias" foi pouco tocada, cercando ele de um certo mistério essa época ocorrida entre os seus vinte e vinte e dois anos. Talvez o motivo de tal comportamento tenha sido o desejo de sepultar as recordações de seu passado doentio ou as primeiras desilusões amorosas.

É verdade, veio Humberto ao Ceará em busca de saúde no nosso clima seco e de uma melhor alimentação compatível com o emperrado estômago vitimado pela aspereza da vida amazônica. Humberto era um impaludado crônico e desconfiava dos "pulmões podres, cheios de miasmas".

Veio, gostou e se afeiçoou à gente e à terra.

Via Camocim chegou ao Ceará em agosto de 1906, antes de completar os vinte anos de idade. Uma ligeira hospedagem de poucos dias em hotelzinho à beira do cais e depois, o trem para Sobral, seguindo orientação de amigos do Pará. A capital da zona Norte o surpreendeu pela beleza estranha da paisagem seca, o ineditismo de cer-

tos costumes, a alegria ingênua das moças e a originalidade do bonde com tração animal.

Vinha Humberto de Belém, cidade com ares de metrópole, uma das maiores praças comerciais do País, com muitas firmas nacionais e internacionais comprando e exportando borracha para todos os lugares do mundo.

A firma em que trabalhava e que possibilitou a viagem de cura era uma das primeiras daquela praça, Montenegro & Cia., chefiada por um cearense empreendedor, Casemiro Ribeiro Montenegro, que, por sinal, faleceu em Paris, exatamente nessa época da chegada de Humberto ao Ceará.

As recomendações da casa comercial a respeito de seu empregado doente foram dirigidas a um irmão do chefe da firma, o Sr. Antônio Ribeiro Montenegro, chefe da estação ferroviária de Baturité.

Antes de tomar um outro vapor em Camocim para se dirigir a Fortaleza e daí a Baturité, Humberto, já com seu espírito inquieto e indagador, fez alguns passeios pelos arredores de Sobral, indo a Massapê, Acaraú, Santa Cruz, sempre usando o trem, transporte de seu especial agrado.

Em Fortaleza, recebido no cais por um irmão do patrão, teve uma breve demora e no começo de dezembro partiu para a temporada serrana, tão recomendada para a cura de seus males.

Desde 1903, quando ainda quase menino se transportara para Belém, em busca de melhor sorte e do apoio de um tio que ali residia, o jovem maranhense só conhecia sofrimentos físicos e morais. Sem a ajuda esperada conseguiu apenas empregos modestos de caixeiro de armazéns, trabalhos pesados e sem maiores possibilidades de progresso. No entanto, dada a sua pertinácia e apesar da dificuldade de vida, conseguiu penetrar num pequeno círculo de rapazes de sua mesma condição, desejosos de melhoria de "status" e daí surgiu o convite para o "Oficina dos Novos", espécie de clube dos apreciadores da escola parnasiana. Isto valeu muito para a aproximação de Humberto com rapazes cearenses que também manifestavam as mesmas inclinações literárias.

A serra de Baturité foi um deslumbramento para o jovem repousante. Desde menino, em Parnaíba, namorava a Ibiapaba. Conta ele em suas "Memórias" que um dia, do alto da torre de uma igreja da cidade piauiense avistou uma sombra azulada no horizonte. Um velho que estava ao seu lado encantou-o com a descrição da serra, e daí por diante o menino começou a imaginar viverem ali as pessoas mais felizes do mudo. Clima frio, neblina matinal, nuvens baixas, água em

abundância, frutas deliciosas e moças rosadas, todo um pensamento mágico produzido em sua mente pelas palavras e entusiasmo do velho da torre.

E ao chegar a Guaramiranga tudo se confirmou e até excedeu. Rapaziada alegre, belas serranas, jardins floridos, fartura de frutas, boas conversas e uma sociedade acolhedora na vila tão pequena, formada apenas por duas ruas entrecruzadas.

No dia seguinte, oito de dezembro, a festa da padroeira e, apesar da indiferença religiosa lá se foi ele ladeira acima, rumo à Matriz, entre um renque de palmeiras, sentindo a alegria da manhã fria e o espetáculo do nascer do sol nas alturas serranas. Mas, o que o agradou mesmo foi a garridice e simpatia das moças da terra. Soube depois, por informação do dono da pensão, o Sr. Manuel Victor, que Guaramiranga tinha uma sociedade aristocrática, formada por quatro ou cinco famílias ricas, possuidoras de oitenta por cento das fazendas produtoras de café, produto que tinha a fama de ser o melhor do mundo. Assim se ufanavam os serranos. Linhares, Caracas, Holandas, Queirozes e Sampaios viviam como pessoas de posses em suas vastas e confortáveis mansões, mandando os filhos para os melhores colégios da França e Suiça, desprezando mesmo os do Rio, Bahia e Recife. Os negócios eram muito altos, feitos diretamente com as praças estrangeiras, através dos três consulados existentes em Baturité, em cujos armazéns era o café estocado.

Humberto não demorou muito enfronhar-se no meio, procurando alguns rapazes da terra, entre eles, Jorge Figueiredo, filho do rico proprietário do Sítio Bom Sucesso, Mário Linhares, jovem poeta, César Barsi, José e Júlio Holanda e o maior amigo desde então, amizade que se estendeu por muitos anos, a do comerciante Joaquim Alves Nogueira, mais velho que o cronista seis anos, mas muito afinados nos mesmos pendores para as festas, passeios e brincadeiras do agrado dos veranistas.

Mais de quatro anos depois da volta de Humberto ao Pará ainda continuava a troca de cartas entre os dois amigos. Não havia segredos entre eles. A amizade era fraterna e sincera.

Cinqüenta e três cartas de Humberto para Nogueira oferecem-nos as razões para avaliar a intensidade da estima entre os dois e do carinho do futuro membro da Academia Brasileira de Letras pelo Ceará. As cartas também nos oferecem as fontes de muitas de suas histórias, crônicas, contos que lhe deram notoriedade pela maneira agradável de estilo que mais tarde adquiriu. São também fontes de explicações de sua psicologia, de seus primeiros amores e desilusões e dos

sintomas da doença que o fez sofrer tanto nos últimos seis anos de vida.

Durante a temporada serrana Humberto teve oportunidade de ser obsequiado por diversas personalidades dali, ser hóspede do Comendador José Coelho em Caridade e partilhar dos passeios, conversas e diversões organizados pelas famílias em suas fazendas de criar, na época invernosa da zona sertaneja.

De início, teve uma grande paixão, uma moça da família Linhares. Valeu isso a ela, ser perenizada sua memória em diversas poesias do escritor-poeta, nessa fase parnasiana, e até o título da sua primeira obra impressa, editada em 1911, intitulada "Beatriz".

Humberto era feio de aparência, pouco agradando num primeiro contato. Logo fazia desaparecer a má impressão quando se desinibia, vencendo o forte complexo de inferioridade que o acompanhou por muito tempo. A vivacidade e inteligência de sua palestra compensavam a fealdade. Para a vilegiatura na serra fez-se acompanhar de alguns livros e estava sempre escrevendo para os amigos de Fortaleza pedindo coisas, especialmente revistas, sendo a de sua preferência, o "Malho". Mais tarde, em diversas crônicas referiu-se a algumas de suas leituras nessa época. Leu "A Paixão de Maria do Céu", de Malheiros Dias, "América Latina", de Manuel Bonfim, Camilo e as produções parnasianas de Fialho de Almeida.

Nas cartas do Pará, depois de dois anos de tratamento aqui, fez diversas referências simpáticas e de amizade aos cearenses. Era comum, nessa correspondência, a expressão carinhosa de "o nosso Ceará", como a querer integrar-se no rol da nossa gente. Na carta de 6 de fevereiro de 1909, das lonjuras do rio Mapuá, repete saudoso: "estimo extraordinariamente esse nosso Ceará e em particular a nossa serra e quero por isso que ela acompanhe a evolução da agricultura do Pará. Pelos jornais que te envio podes ver que ainda me não esqueci do Ceará. A terra continua inteiramente, sem que eu espere recompensa, dentro do meu coração. E isto bastará para provar-te que sou sincero e leal".

Do seringal onde trabalhava remetia para os jornais de Belém colaborações e, algumas delas referiam-se ao Ceará. Parece estranho, apesar das benquerenças cearenses, das boas impressões sobre Mário Linhares, Gustavo Barroso, Antônio Sales, Herman Lima, Oscar Lopes e Carlos de Vasconcelos manifestar Humberto certos ranços e desencantos pelo Barão de Studart e por Tomaz Pompeu Filho.

A 12 de fevereiro de 1909 disse em carta: "é possível que levante outra questãozinha na semana próxima, porque estou resolvido a re-

duzir às justas proporções o Sr. Barão de Studart, que tem aqui muitos admiradores". E, antes dessa, em outra, incluiu Tomaz Pompeu na sua arremetida. É certo que na breve temporada em Fortaleza teve contatos amiudados com João Brígido e Rodolfo Theophilo. Teria partido desses as insinuações de crítica aos dois notáveis intelectuais? A discórdia com o Barão decorreu de certas interpretações pessoais a respeito da colonização do Pará. Anos mais tarde, parece ter mudado de opinião a respeito de ambos os atingidos. Na crítica que Humberto fez ao livro de Teodoro Sampaio, "O tupi na Geografia Nacional", 1928, escreveu o seguinte: "O Ceará produziu, no último quartel do século passado, e princípio deste, um núcleo de estudiosos da sua história como nenhum outro Estado o teve até hoje, em todo o Norte. Tomaz Pompeu, Catunda, Studart, João Brígido, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, vasculhando arquivos e arejando velhos manuscritos, puseram em dia, pode-se dizer, o passado nebuloso da sua terra". Mais adiante: "A história cearense passou a ser... uma pequena sala varrida do sol e do vento".

O entusiasmo de Humberto de Campos pelo Ceará está presente em quase todas as suas cartas para Nogueira. Isso ele desenvolveu literariamente, mais tarde, em suas crônicas de jornal e em livros. Em "Contrastes", pág. 51, a empolgação era total. Veja-se: "É a terra mais linda do mundo. As flores são mais cheirosas e os pássaros cantam mais alto (no Ceará)". Na descrição de seu primeiro momento serrano, em Guaramiranga, disse ele: "Estendida em um vale, com duas ruas apenas, uma cortando a outra, dando-lhe a forma cristã de uma cruz, a Vila de Guaramiranga espreguiça-se com o seu casario de telhas vermelhas entre as duas linhas de outeiros verdejantes, como um rio de águas vermelhas represado no alto da serra. De um lado e de outro, nas colinas, os cafezais se alinham, abrigados pela muralha das matas contra os ventos ásperos do sertão. De vez em quando um lençol de bruma, trazido de longe, aparece no alto de um morro, ensaiando sozinho, no espaço, a dança pagã dos sete véus. Uma rajada mais forte impele-o, porém, para rumos opostos e o lençol de névoa rasga-se, esfarrapa-se, desfia-se, como uma enorme cabeleira branca, no pente verde da mataria". E sempre nas cartas tem esse tom de vigor e exaltação. Bem ao contrário do que diz da terra de sua meninice pobre, Parnaíba, que é sempre, para ele, o monturo, o lixo, o fim do mundo. Em algumas cartas chegou a assinar-se "Humberto da Conceição". Este, o nome primitivo da vila de sua predileção.

Humberto de Campos tinha um temperamento inquieto e isso provou bem antes de partir de volta para Belém. A situação da firma

em que trabalhava era muito precária, em 1908, condição que mais se agravou após a morte do titular, exatamente nessa época. A viúva de Montenegro debatia-se com os credores na Justiça e as contas dos empregados, especialmente a de Humberto, muito tempo ausente, emaranhavam-se nos levantamentos contábeis. Sem recursos, apegou-se ainda aqui, já na véspera do retorno, a dois importantes políticos seringueiros paraenses, o Senador José Porfírio e o Cel. Nobre, ambos interessados em contar com ele colaborando, em seus negócios e com o concurso da inteligência privilegiada de Humberto. Seguiu com eles para Quixadá, já às custas de Nobre, para uma temporada de veraneio no sertão. Pretendia o endinheirado seringueiro veranear um ou dois meses em Guaramiranga, também, mas a circunstância de uma grande crise no comércio exportador do Pará fê-lo retornar ao palco de seus interesses maiores. Humberto acompanhou-o e em Belém foi logo despachado para um seringal no Mapuá, com sede na Vila Nobre, à margem daquele rio, não muito longe de Breves. Assumiu a gerência da firma e logo percebeu que os negócios do novo patrão iam muito mal. Nobre devia seiscentos contos de réis e o ativo da empresa era apenas de duzentos. Mas, para o rapaz de vinte e dois anos, já habituado a dificuldades e sem medos, desejoso de progresso a qualquer custo, a recuperação da firma poderia ser conseguida com o seu próprio esforço. E, mãos à obra, aceitou o desafio.

A situação de Humberto agora, no meio daquela imensa floresta, era muito diferente da que quase já se acostumara na idílica serra cearense, sem trabalhos nem preocupações, apenas matando o tempo em conversas intermináveis, festas e passeios, tudo por conta dos patrões, em Belém. Contudo, as recordações dos dois anos assim vividos serviram-lhe para amenizar as dificuldades da nova situação, socorrendo-se sempre das agradáveis lembranças dos bons tempos, pouco antes vividos.

As imagens da serra conservavam-se intactas em sua mente e eram trazidas à tona nas cartas ao amigo. Nem a oratória do Padre Frota, o vigário da vila, deixou de impressioná-lo: "a voz clara e sonora prendia o auditório heterogêneo e o tema escolhido para os sermões, sempre servindo para atender à pouca inteligência dos matutos sem tornar maçante e vulgar aos da classe mais elevada..." O pregador, sócio-fundador do Instituto do Ceará, era homem de muitos conhecimentos científicos, históricos, religiosos e profanos e honrava o clero cearense. Certa vez o Padre Frota, para fazer entender a força do poder da Mãe de Deus, inspirou-se no mar, elemento natural do máximo prestígio na imaginação do serrano. Humberto observou isso e mais se

admirou da inteligência e boa oratória do Padre-doutor.

O Mapuá serviu bem a Humberto, apesar do isolamento em que o encerrou, a cinco léguas do vizinho mais próximo, tendo apenas o divertimento da passagem mensal de um navio que vinha apanhar a borracha para o embarque nos grandes navios, rumo à Europa ou Estados Unidos. O tempo sobrava-lhe para a correspondência e avolumou-se, então, servindo de intermediários, em Belém, amigos e conhecidos que para ali se dirigiam.

Era muito interessante, naquele tempo, do ponto de vista dos escrúpulos, o tratamento com pessoas da mais alta posição. As referências de Humberto, em suas cartas, eram muito veladas, quando desejava falar sobre uma ou outra moça de seu relacionamento na serra. As alusões ou insinuações a elas eram feitas usando cognomes conhecidos apenas pelos dois amigos. Por exemplo, a sua querida Beatriz era, nas cartas, "D. Alba" ou "Bx". Margarida Alves, futura cunhada de Farias Brito e de Jackson de Figueiredo, era "Diana" ou "Mx". Às vezes, fica difícil identificar a pessoa referida. Beatriz foi a que mais prendeu o escritor e foi motivo de inspiração dos seus primeiros versos publicados. Era um namoro à distância, por bilhetes, recados, presentes e, mais, imaginação. A "Rainha D. Amélia", futura e pretensa sogra, simpatizava com o jovem maranhense mas os irmãos não aprovavam a amizade com a moça. O pai apresentava-se indiferente, mas em constante e precavida vigilância. O primo Mário também não apreciava muito o forasteiro e negava qualquer colaboração.

Nas lonjuras do Mapuá pouco a pouco foi arrefecendo a amizade e, por fim, avisou ao amigo que nada mais esperava de Guaramiranga. Coincidiu o fato com a sua volta para Belém e a modificação total de sua vida. Mas, antes de sair daquele fim de mundo escreveu a Nogueira uma carta bem diferente das demais, com traços literários já bem delineados, confirmando o que muito mais tarde diria em uma crônica: "aprendi mais em dois meses no Mapuá do que nos dois anos de Ceará". Na carta referida descreve o seringal, a vida amazônica e vale a pena conhecê-la. Diz ele: "Dizer-te o que isto é, procurar descrever tudo o que rodeia, é quase uma tolice, pois, nem a minha palavra é capaz nem tu és de compreender. Para quem vem desse Ceará todo seco e todo habitado, onde não se anda duas horas sem encontrar alguém no caminho, viver no Mapuá é o mesmo que viver nos tempos primitivos, quando era preciso uma luta titânica para conquistar um palmo de terra às florestas e às águas". E continua descrevendo a Vila Nobre, lugar de sua residência. A solidão era absoluta e aquele rapaz de vinte e dois anos, para matar o tempo, quando não se encontrava

na labuta administrativa do seringal e à noite, à luz de lamparinas, lia tudo o que podia encontrar. Felizmente, os jornais do Rio mandavam freqüentemente agentes de assinaturas e alguns patrões atendiam a esses pedidos. Os jornais chegados serviam mais para embalar mercadoria que para o verdadeiro objetivo e isso agradecia Humberto de Campos, pela oportunidade de aproveitar o precioso material para colocar-se em dia, aliás, com atraso de dois e três meses, com a vida da grande capital. Velhas crônicas e artigos políticos e literários eram lidos e relidos.

Por interesse da firma houve necessidade de ser Humberto transferido para outra localidade mais acima da Vila Nobre, ficando mais distante da civilização. Este rio Mapuá, pequeno e quase desconhecido, praticamente pertencia, todo ele, ao seu patrão, que, para dificultar a ação de possíveis posseiros e atravessadores, patrulhava as entradas e saídas. Para conseguir conservar este ótimo empregado, o Coronel Nobre acenava, ora por outra, com a possibilidade de um emprego público rendoso, como a Coletoria Federal de Breves. E nessa ilusão ficava o pobre rapaz a sonhar com o posto, comunicando mesmo, ao amigo cearense, certa vez, a provável data de sua posse no cargo.

Humberto tinha uma atração especial pelo jornalismo, já que se iniciara na vida prática dentro de uma oficina impressora e ensaiara publicar uma produção sua. O Senador José Porfírio planejou abrir um jornal em Belém, um diário com o título de "A Notícia" e falou na possibilidade de aproveitá-lo como redator. A ditosa nova foi logo comunicada a Nogueira: "já vês que estou com sorte". E relatou a notícia auspiciosa. Mais uma vez tudo rolou por terra. Deu em nada a promessa, pelo menos, nessa ocasião. Meses depois, no entanto, Humberto tomou o caminho de Belém, para mudar de vida. Houve um hiato agradável, com aparência de mudança definitiva. Aproveitou ele o quanto pôde a nova situação. Metido na redação da "Folha do Norte", procurou logo fazer um círculo de relações, aproveitando as vantagens que gozam os da categoria. Freqüentou clubes, bailes particulares, teatro, meios políticos, a Assembléia, o Senado Estadual. Teve prestígio na Prefeitura e na Polícia. Com a bênção dos políticos em breve conseguiu um lugar de destaque e achou que tinha alcançado o mais alto ponto de sua carreira Ganhava contos de réis.

Até 1912 durou esta festa, terminando pelo empastelamento do jornal, perseguição aos proprietários e redatores e a Humberto, especialmente visado pela contundência de suas crônicas, coube o pior, uma agressão física por diversos indivíduos encapuzados e a fuga precipitada para o Rio, mal tendo tempo de arrumar os seus poucos per-

tences em que se incluía um objeto de estimação, a sua bengala com castão de metal dourado, levada do Ceará.

Os tais males que vêm para o bem. Na Capital Federal desabrochou toda a potencialidade do jornalista, do cronista, do contista apreciado. Daí a pouco a glória total com a entrada para a Academia Brasileira de Letras e a eleição para deputado federal pelo seu Estado. Foi um reconhecimento nacional, uma consagração.

Voltemos, porém, às suas cartas para o amigo cearense. Muito disso tudo foi fixado nelas. Para avaliar o poder da vontade de Humberto, a sua inteligência e tenacidade, algumas cartas expressam bem essas qualidades e prenunciam o futuro brilhante que teve nas nossas letras.

Alguns trechos das cartas testemunham a assertiva. Este, por exemplo: (escrevia do Mapuá). "Há vinte anos os seringais daqui eram muito bons. E, como a borracha desse dinheiro, os proprietários desse tempo meteram o machadinho a torto e a direito e abandonando-os depois, hipotecando-os a algumas casas comerciais de Belém. E foi essa a desgraça maior, pois as casas começaram a arrendá-los por ano, a indivíduos gananciosos, que, piores do que os antigos donos, só trataram de devastar tudo, contanto que tirassem, em breve prazo, o maior resultado possível. E o resultado foi este: tudo liquidado, devastado, morto e inútil para sempre. Calcula que há seringueiras tão exaustas que, para tirar algum leite é necessário que se subam cinco mutás, isto é, cinco giráus superpostos, para cortar a árvore a vinte e vinte e três metros de altura. Outras estão tão exgotadas que as raízes estão de fora em uma profundidade de dois metros, pois, o seringueiro até lá desceu, cortando-as, para procurar leite. Acrescente-se a isso que não há seringueiras novas, porque as que vão nascendo vão logo morrendo ao machadinho do seringueiro; e, mesmo que se fizessem plantações, a seringueira precisa de cinquenta anos para ter cinquenta centímetros de circunferência". Mais adiante, o seu carinho pelo Ceará: "o futuro pertence, portanto, ao Oriente e à tua maniçoba, que há, um dia, de fazer do meio-Norte a região mais próspera, talvez, do país". É um trecho de carta onde se pode notar a qualidade superior de um observador arguto e inteligente. Um outro, de uma carta datada de 27 de novembro de 1908, para Nogueira, o velho amigo de Guaramiranga, também é bem expressivo. Ei-lo: "A agricultura, também aqui, é um verdadeiro jogo e não há resultado que compense o trabalho do agricultor. Imagina que, para plantar, precisa-se, em primeiro lugar, fazer a derrubada, e essa é uma verdadeira luta do homem contra a natureza selvagem, pois, para abrir numa mata um quadrado de duzentos me-

tros, é preciso que três homens trabalhem três meses consecutivos. Não se dá um passo sem encontrar-se uma árvore que não cai em menos de um dia de trabalho. Depois é tudo alagado, de forma que as plantações precisam ser feitas depois de junho para darem resultado antes de dezembro. O inverno daqui é a seca daí: devasta tudo, inutiliza tudo. Mas... aqui também tem seca verdadeira. Se de junho a dezembro passam-se dez dias sem chover, era uma vez o roçado. Morre tudo estorricado de sol. E junte-se a isso a febre palustre, a carne a dois mil e duzentos réis, café de dois mil réis e,...diga-se que aqui é o céu".

São páginas essas, de muita força de descrição, de um certo estilo em formação, mas, sobretudo, de um vigor de expressão pouco comum num iniciante de apenas vinte e dois anos de idade.

Muito se esforçou ele em colocar a nossa maniçoba no comércio paraense. Recebeu, certa vez, de Nogueira algumas amostras, procurou corretores e chegou a conseguir que a mercadoria seguisse para a América, classificada como "sernamby", uma borracha inferior. Mas não houve interesse pelo produto por parte do comprador estrangeiro.

Por fim, mostrou-se Humberto muito bem enfronhado nos assuntos literários e sociais do Ceará. Propagou ao máximo as nossas belezas, fez proselitismo do clima, especialmente entre os novos amigos endinheirados. Todos esses conhecimentos que armazenou nos anos de estada no Ceará e de correspondência com os amigos, permitiram-lhe, mais tarde, quando já no auge da fama, transformado no escritor mais lido no Brasil, falar bem dos escritores cearenses, com conhecimento pleno do que aqui se produzia. Um exemplo é o que escreveu Humberto de Campos sobre "Tigipió", de Herman Lima. Disse ele em uma crônica de crítica: "O que mais caracteriza este livro é, entretanto, a paixão da gleba, o amor intenso do autor pela terra mártir em que nasceu. Eu conheço o Ceará, algumas centenas de léguas dos seus sertões e das suas serras, percorridos (por mim) no rigor das secas ou sob a bênção dos invernos abundantes. E confesso que nenhum escritor do nordeste me deu, jamais, impressão mais viva, nem mais justa das paisagens que eu vi e das regiões que visitei" (Crítica, III série, 163). Essa mesma crítica termina ele com estas palavras: "E o Nordeste que sofre, ama e sonha, terá definitivamente, na sua pena amestrada, o pincel destinado a fixar, mais uma vez, o heroismo dos seus homens, a graça das suas mulheres, a tragédia esquiliana das suas secas". E mais ainda se firmou ele nesse bom conceito do cearense, escrevendo sobre a obra de Gustavo Barroso. "O cearense tem, no Brasil, uma fisionomia toda particular. Filho de uma terra árida, em

luta permanente com a natureza, toda a sua vida, através de gerações, é menos um prazer do que uma batalha. Por isso mesmo nasce blindado para enfrentar a adversidade. À semelhança de Minerva, nasce armado. A sua mentalidade é única no Brasil. Trabalhar e vencer é o lema. E para vencer ele vai diretamente ao seu fim, passando por cima dos obstáculos, tranqüilo e seguro, com a serenidade do hipnotizado que fosse, olhos parados, a um ponto que lhe houvessem mentalmente determinado". E continua na louvação, para concluir: "Quanta energia serena exigem porém, essas vitórias. Quantas vezes eles chegam aí, pondo a vontade acima do coração!" Gustavo foi quem inspirou essas palavras, quando Humberto apreciou "Terra de Sol", classificado pelo crítico como "uma das estréias mais brilhantes da letras nacionais".

Pronunciamentos idênticos ele teve quando escreveu sobre as obras de Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio e Papi Jr. e o denodo de seu grande amigo Milton de Sousa Carvalo, tomado por Humberto como símbolo da audácia do cearense e a quem entregou o filho mais velho, poucas horas antes de morrer.

Muito se pode tirar dessas cinqüenta e três cartas de Humberto de Campos. Lendo as crônicas e se conhecendo as "Memórias", mais proveito se tira, por já termos ciência de muitos daqueles pequenos ou grandes acontecimentos da vida do escritor. E podemos assim verificar e confirmar o que se leu no prefácio de uma de suas obras: "minha vida se constituiu uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados e foi um roteiro útil à mocidade". Os seus erros e vícios, os rochedos em que bateu, tudo isso foi proveitoso para os que o leram e continuam lendo.